

/ PALAVRA DO LEITOR

Jockey Club

O Jockey Club de Porto Alegre tem realizado diversas melhorias, entre elas a iluminação da pista de corrida, que não funcionava há mais de 20 anos e está sendo refeita a partir de um investimento de R\$ 800 mil (Jornal do Comércio, edição de 18/03/2026). Esse prédio é lindo, estilo Modernista, inaugurado em 1959 e tombado pelo Patrimônio Histórico. O Jockey Club de Porto Alegre merece ter sua história resgatada e voltar a ser palco de grandes eventos. *(Candido Tiaraju)*

Jockey Club II

Porto Alegre ganha muito com esse novo momento do Jockey Club. Quando um espaço como esse se reinventa, quem ganha é toda a cidade. *(Adolfo Medeiros)*

Infraestrutura

Após várias previsões de conclusão, a obra na ponte da rua Ramiro Barcelos, no cruzamento com a avenida Ipiranga, em Porto Alegre, segue sem estimativa concreta para finalização (JC, 16/03/2026). Gastam para depois implodir. Por que não viram antes o problema? *(Carlos Lima)*

Infraestrutura II

Demorou um ano e meio para chegarem à conclusão de que precisa demolir a ponte da Ramiro Barcelos e construir uma nova. *(Lorena Maisa Silveira)*

Aeroporto de Vila Oliva

A licitação para a construção do Aeroporto Regional da Serra Gaúcha, em Vila Oliva, distrito de Caxias do Sul, avançou nesta terça-feira, 17 de março, quando foi divulgada a pontuação das propostas apresentadas pelas empresas concorrentes (JC, 17/03/2026). O projeto do aeroporto de Vila Oliva com pista de pouso prevista em 1.930 metros de comprimento já nasce abaixo da pista mínima recomendada de 2.200 metros para essa categoria de aeroporto. Será apenas 260 metros maior do que o Aeroporto Hugo Cantergiani, localizado na área urbana de Caxias do Sul. *(Claudio Lemes Louzada)*

Bar temático

As manifestações de leitores publicadas na semana passada (JC, 19/03/2026) sobre um bar com temática de música sertaneja mostram o desconhecimento das pessoas ao relacionar a produção agrícola ao sertanejo. Na verdade, o agro como se vê hoje foi desenvolvido no Rio Grande do Sul e levado a outros estados pelos gaúchos. O sertanejo, na verdade, era o sobrevivente, como o nome já diz, do sertão. É triste ver pessoas associarem estas músicas ao nosso Estado, sendo que temos algo de muito mais qualidade musical e cultural que é a Música Tradicionalista Gaúcha, esta sim com tradição no agro. *(Gustavo Fernandes, por e-mail)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

União para reconstruir o Rio Grande

Luciano Zucco

O Rio Grande do Sul vive um momento decisivo. Depois de anos marcados por crises fiscais, perdas econômicas, instabilidade administrativa e, mais recentemente, eventos climáticos severos, tornou-se evidente que o Estado precisa mais do que soluções pontuais. É necessário construir um projeto consistente, viável e capaz de restabelecer a confiança no futuro e recolocar o Estado em uma trajetória sustentável de crescimento. Com esse espírito, vem sendo formada de maneira responsável uma frente de centro-direita comprometida com um novo ciclo de desenvolvimento para o Rio Grande do Sul. O objetivo vai além de uma disputa eleitoral. Trata-se da construção de um projeto de governo sólido, baseado em responsabilidade fiscal, segurança jurídica, estímulo permanente à produção, valorização do empreendedorismo e geração de oportunidades em todas as regiões do Estado. Neste momento, o foco está na consolidação das parcerias políticas necessárias para sustentar esse caminho. Mantemos diálogo aberto com partidos e lideranças que compreendem que o Rio Grande do Sul precisa superar divisões estereis e avançar a partir de convergências reais. A formação das alianças ocorre com maturidade, respeito institucional e compromisso com um programa consistente, que possa ser efetivamente executado e produzir resultados concretos

para a população. Paralelamente às articulações políticas, temos intensificado reuniões com setores produtivos, entidades representativas e lideranças regionais. O contato direto com empresários, trabalhadores, prefeitos e comunidades do interior é essencial para a construção de propostas que dialoguem com a realidade de cada região. Nas próximas semanas, ampliaremos ainda mais essa presença regional, ouvindo demandas locais e transformando experiências reais em políticas públicas viáveis. Nosso propósito é claro: construir um governo preparado, tecnicamente responsável e politicamente estável, capaz de devolver protagonismo ao Rio Grande do Sul. Um governo que una forças, reduza entraves e permita que o Estado volte a crescer com planejamento, eficiência e visão de futuro. O Rio Grande do Sul pode e merece mais – e é com diálogo, responsabilidade e convergência que construiremos esse novo caminho.

Deputado federal (PL-RS)

A formação de alianças ocorre com maturidade, respeito institucional e compromisso

Quem é a fonte pagadora da saúde?

Marina Behrends e Stephen Stefani

O então CEO da Starbucks, Howard Schultz, em entrevista para Forbes há 20 anos referiu gastar mais com o seguro de saúde do que com os grãos de café. Essa afirmação foi como exemplo ilustrativo para mostrar como os custos de saúde podem ser enormes para empregadores. No Brasil, a assistência médica já é o segundo maior custo das empresas, atrás apenas da folha de pagamento, de acordo com algumas consultorias. O problema costuma ser remetido a “fonte pagadora” e não leva em consideração o óbvio: o dinheiro da assistência sai do bolso de quem paga mensalidades e impostos. Diante desse cenário, a inovação deixa de ser luxo e passa a ser estratégia. A telemedicina, por exemplo, é uma ferramenta que pode tornar o atendimento mais rápido e barato. Dispositivos vestíveis e aplicativos que monitoram atividade física, sono e níveis de estresse também já são pautados como estratégia para reduzir doenças. A análise desses dados com inteligência artificial pode prever riscos e a orientar

cuidado e programas de prevenção. Recentemente publicamos na revista norte-americana Value in Health, em parceria com autores de vários países, definição de boas práticas com critérios para acelerar incorporações quando se têm elementos científicos que mostrem alta correlação com benefício (ou abandonar a estratégia e buscar outras quando as evidências mostram o oposto), tentando otimizar tempo e recursos, e mantendo ritual de análise técnica responsável. Ao investir em saúde, as empresas não apenas controlam gastos; também honram o pacto de solidariedade que transforma o investimento em bem-estar e produtividade. A questão tem que ser ampliada no senso de urgência. Qualquer medida preventiva pode levar muitos anos para controle de sinistralidade, em ritmo muito inferior às demandas por novas tecnologias – que tem sido mais caras e não costumam baratear com o tempo, diferente de outros setores. Aliás, precificação também deve ser debatida no País. Temos problemas que se tornaram insustentáveis a curto prazo, e soluções que parecem paliativas e com impacto a médio e longo prazo. Chamar operadoras ou SUS de “fonte pagadora” tira o foco de trabalhadores e empregadores, que são os verdadeiros mantenedores. Busca de solução célere deve ser compromisso de todos.

Médicos oncologistas do grupo OncoClinicas